

JORNALISMO HUMANIZADO: NA TEORIA DE JORGE IJUIM E NA PRÁTICA DE ELIANE BRUM

HURMANN, Maria Luiza Moura de Souza¹

PRADO, Gustavo dos Santos²

RESUMO

Este artigo tem por principal objetivo apresentar formas de recuperar o verdadeiro papel do jornalismo: o papel social. Para isso, foi utilizado como arquétipo e modelo a ser seguido a tese do jornalista e professor Jorge Kanehide Ijuim sobre jornalismo humanizado e a prática da também jornalista e escritora Eliane Brum. Como principal referência, o trabalho utiliza o livro “O Olho da Rua” de Eliane Brum, analisando as principais técnicas e ensinamentos que a escritora transmite em suas autoanálises de reportagens. Além de ainda apresentar em seu discurso outras vertentes jornalísticas, tais como o modelo do novo jornalismo, o jornalismo de solução, o jornalismo humanizado e o jornalismo Gonzo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; jornalismo humanizado; Eliane Brum; histórias; jornalista.

1. INTRODUÇÃO

Analisando superficialmente os jornais, tanto em aspecto nacional, quanto em aspecto local, há uma padronização: a prioridade é sempre o fato jornalístico, o factual. Crises políticas, tragédias, doenças, mortes e violência – as notícias sempre tendem e apelam para os problemas, esquecendo, então, das soluções.

O modelo de jornalismo predominante está em crise, que se reflete cada vez mais na vida de seus consumidores. A cultura do jornalismo negativo, o sensacionalismo e a espetacularização da notícia fazem com que os jornais percam sua principal diferença aos demais: sua credibilidade.

Além disso, outro termo de discussão está na produção dessas abordagens, as quais muitas vezes são despidas por agentes que não experienciaram a notícia. Dessa forma, noticiase o fato e faz-se uma dissecação daquela realidade pelas visões de especialistas, esquecendo-se do principal: as pessoas que realmente o vivenciaram.

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Jornalismo, do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.
E-mail: hurmannm@gmail.com.

² Professor orientador. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com.

Contudo, essa crise não é de hoje, mas suas consequências são. Há tempo as manchetes são focadas em tragédias e negatividade, visto que esse nicho aciona o reflexo do medo no ser humano e, com isso, se torna um atrativo fácil para aprisionar a atenção do público. Mas será que é só a atenção que esse modelo de jornalismo aprisiona?

Para Tom Stafford³ (2016), a disseminação em massa de notícias ruins afeta as pessoas e as deixam com “a escolha entre a eterna vigilância (e ansiedade), ou a desconexão” (STAFFORD, 2016).

Ao presumir que esse tipo de matéria irá gerar audiência, a mídia se aproveita da ideia de ser um meio de “monitorar a sociedade” e viraliza notícias ruins. O termo “viralizar” é utilizado aqui de forma pejorativa, isto porque os veículos não apenas divulgam a violência, mas, também, contaminam a população com sua ideia.

Isso faz com que o público mentalize a violência como normal e comum, e torne como verdade o conceito transmitido de que o mundo é um lugar ruim e não há nada para se fazer a respeito.

Desse modo, cada vez mais o jornalismo se torna indiferente. Já seus profissionais passam a ser meros produtores e reprodutores de um mesmo modelo de conteúdo. O principal problema é o fato de os jornalistas estarem perdendo sua sensibilidade de ver o mundo e a empatia pelo noticiado – o gostar da profissão.

Mas será que existem outras formas de se fazer jornalismo? Será que existe um jornalismo sem o abuso de tragédias? Ainda existem jornalistas que prezam não apenas pelo interesse, mas também pelo bem-estar do público?

Exatamente para responder a essas perguntas que se fez necessário o artigo presente, motivado em apresentar formas de recuperar o verdadeiro papel do jornalismo: o papel social.

Para isso, utilizou-se o estudo feito por Jorge Kanehide Ijuim⁴ sobre o jornalismo humanizado e a prática desse mesmo modelo efetuada por Eliane Brum⁵ em seu livro “O Olho da Rua - uma repórter em busca da literatura da vida real”.

Com isso a paixão pela profissão e o envolvimento humanizado da jornalista foram transmitidos no livro. Além de, por meio de análise de reportagens e dos comentários escritos pela própria autora, extraiu-se ensinamentos e exemplos que orientam os jornalistas a cumprirem o seu dever social, não apenas o seu trabalho.

³ Professor de psicologia cognitiva na Universidade de Sheffield.

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP.

⁵ Jornalista, escritora e documentarista formada pela PUCRS.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MUITO ALÉM DE “DAR A NOTÍCIA”

Pedro Gilberto Gomes (2004) acredita que a realidade social é a matéria-prima do processo midiático, entretanto, o produto desse processo se distingue pela visão do produtor. Gomes (2004, p. 33) conclui sua ideia afirmando que “a totalidade dos processos midiáticos não é formada pela sua estrutura em si, mas pelos padrões de interconexões que eles constroem com a sociedade, com ela interagindo para a construção do sentido.”

De mesmo modo, Nilton Hernandes (2006) conclui que a notícia:

É, por sua vez, a hierarquização de fatos, também fruto de uma visão de mundo, dentro de um objetivo de despertar curiosidade, crenças, sensações e ações de consumo do próprio meio de comunicação (HERNANDES, 2006, p.24).

Isso mostra que o jornalista precisa ter responsabilidade social e ética ao exercer seu papel como formador de opinião para que seu trabalho não agrave negativamente na construção de sentido e sua interação com o público.

O impacto da violência exacerbada pela mídia é visível na obra do sociólogo e professor da Universidade da Califórnia do Sul Barry Glassner. Ele fundamenta seus estudos em uma pesquisa de 1996 em que, ao serem questionados sobre o motivo dos Estados Unidos enfrentarem sérios problemas em relação ao crime, 76% dos entrevistados indicaram como fator as matérias vistas na mídia e somente 22% citaram suas experiências pessoais (GLASSNER, 2003).

Para Guareschi, a comunicação é um processo de construção da realidade. É por meio dela que as pessoas definem e consideram o que é realidade e “é por isso, consequentemente, que a comunicação é duplamente poderosa: tanto porque pode criar realidades, como porque pode deixar que existam, pelo fato de serem silenciadas” (GUARESCHI, 1991 p.14). Por isso, o papel do jornalista deve ir além do tradicional de “dar a notícia”, precisa também contextualizá-la.

Em contrapartida a essa “realidade pessimista” exposta e disseminada, alguns teóricos buscaram formas diferentes de se pensar a notícia. Em exemplo, o novo jornalismo de Medina e Leandro, iniciado em 1970, propunha recuperar o prazer de descobrir pessoas e o contexto social em que elas vivem. Dessa forma, a nova técnica apresentada prezava pela humanização da notícia. Os autores afirmam que “é preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas

nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano” (MEDINA, 2003. p. 40).

Ainda de acordo com Medina “falta à narrativa regida por fórmulas o toque mágico da comunicação humana” (MEDINA, 2003, p. 85). Similarmente, Ijuim propõe o chamado jornalismo humanizado, em que sua ideia é modificar a conhecida tática jornalística, para ele, à fórmula “3Q CO PQ (Quê, Quem, Quando, Como, Onde e Por quê?), acrescenta-se uma questão fundamental: em que contexto?” (IJUIM, 2002, p. 37).

É também nesse contexto que Ciro Marcondes, ao lutar pelos direitos da comunidade e referindo-se ao jornalismo comunitário, afirma que há formas jornalísticas de fazer “o indivíduo poder afirmar-se e fazer valer sua posição sem ser deglutido pelas máquinas de informação oficiais, públicas ou privadas, que tudo fazem, menos solucionar os problemas e as necessidades da população” (MARCONDES FILHO, 1987, p. 162).

Para o Solutions Journalism Network⁶, organização não governamental fundada em 2012, a solução para a crise do jornalismo atual está na sua teoria de “reportagens rigorosas e interessantes sobre respostas a problemas sociais” e, a partir disso, apresentar a “história completa” - a frase utilizada como um tipo de bordão por essa abordagem.

Ainda para Ijuim, ao se fazer comunicação não é essencial apenas observar uma realidade, mas refletir sobre ela para que, assim, ao expressá-la, o produto midiático se aproxime ao máximo da verdade contextualizada. Para isso, o comunicador não pode se limitar às funções pré-estabelecidas pelos meios, “mas a função social de comprometer-se com o mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social, de sua cumplicidade/solidariedade com o público - os outros seres humanos” (IJUIM, 2002, p. 42).

2.2 JORNALISMO HUMANIZADO E O PORQUÊ DA HUMANIZAÇÃO

Ainda que exista referências e expressões anteriores, tais como humanização da notícia e textos humanizados, o verdadeiro termo “jornalismo humanizado” surgiu como expressão nos artigos e da própria vida de estudos do jornalista Jorge Kanehide Ijuim, ainda em 1990 (IJUIM, 2016).

Ao estudar diferentes correntes humanistas, jornal escolar e jornalismo e educação, o autor criou o que se define como uma visão de mundo, ao que se deu o nome de jornalismo

⁶ Informação retirada do site da organização. Disponível em: <<https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are/mission>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

humanizado. Aqui, faz-se um adendo: isso não é um rótulo, mas sim uma ideia, uma noção do jornalismo.

Vale ressaltar também que, de acordo com os estudos sobre modernidade do autor, diante da capacidade restrita e exclusiva do ser humano de criar os chamados sistemas de comunicação, isso cria “a oportunidade de operar no processo de humanização da sociedade” (IJUIM, 2012, p. 121).

Ainda, seguindo os passos de Cremilda Medina, Ijuim entendeu que “o Jornalismo só tem sentido se envolver um compromisso diante da dociedade – um compromisso diante da vida” (IJUIM, 2016).

Contudo, apesar de ser a inspiração do autor, nem a própria Cremilda se refere ao seu ideal de fazer jornalismo, como um jornalismo humanizado, apesar das inúmeras associações. Por isso, Ijuim dedicou grande parte de sua vida acadêmica a entender as possibilidades de “como” e os “porquês” dessa vertente (IJUIM, 2016).

O próprio autor, ao definir o jornalismo humanizado, explica que o ato está implícito na própria percepção e compreensão de ser jornalista. Ao entender que seu trabalho é dado para e com pessoas, que não devem ser vistas ou tratadas como objetos.

Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência – dos seus entrevistados e da sua própria consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir (IJUIM, 2015, p. 133).

Com isso, diferente do jornalismo literário e da humanização da notícia, Ijuim defende que precisamos “ir além dos números, mostrar quem são as pessoas, como vivem, mas também suas aspirações, tudo sem estigmas, sem perguntas óbvias para respostas previsíveis” (IJUIM, 2016), pois só assim “sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizado” (IJUIM, 2012).

Ao ser perguntado sobre conselhos para profissionais da comunicação que desejam adquirir também essa forma de jornalismo mais humanizado, Ijuim responde:

Creio que dominar as técnicas jornalísticas seja imprescindível ao profissional. Mas os modelos e essas técnicas não podem ser encarados de forma acrítica. Por quê? Por quê? Por quê? O espírito questionador do jornalista não pode se restringir aos dados, aos entrevistados. Mas o questionamento deve ser ainda maior sobre “o que estou fazendo, como estou fazendo, por que estou fazendo” dessa ou daquela forma. É uma questão de compromisso – com a sociedade (IJUIM, 2016, p. 12).

Como exemplo vivo de seu estudo e realizadora na prática de toda sua tese, Ijuim utiliza o trabalho exercido pela jornalista Eliane Brum – também utilizada como objeto de pesquisa deste artigo – como um arquétipo a ser seguido do modelo de jornalismo humanizado.

2.3 ELIANE BRUM: A LINHA TÊNUE ENTRE FALAR E ESCUTAR

Para Eliane Brum, ser repórter não é meramente uma profissão, é muito mais: é representar tudo aquilo que significa ser e estar no mundo. É por isso que ela mesma se define como “olhadeira” e “escutadeira”. Isso porque, em suas palavras: “gosto de circular por vários mundos - e especialmente pelas bordas. As concretas, literais - e as subjetivas” (BRUM, 2013, p.13).

Eliane Brum nasceu em 1966, no Rio Grande do Sul. Porém, sua paixão pelo fazer jornalismo não se deteve às fronteiras de seu estado. Por isso, nos seus mais de 30 anos de profissão, Brum exerceu o jornalismo de forma exímia em diferentes redações, tais como Zero Hora (Porto Alegre), Revista Época (São Paulo), jornal El País (Madri) e The Guardian (Inglaterra)⁷.

Jornalista, escritora, documentarista e o principal: ser humano. Essas são as palavras que poderiam defini-la. Se não bastasse sua carreira estável nos grandes veículos, ela ainda atua como freelancer e realiza projetos de longo prazo com populações tradicionais da Amazônia e das periferias da Grande São Paulo⁸.

Sobre esses projetos e exaltando sua forma de fazer jornalismo, ela afirma:

(...) Só tem graça ser repórter quando nos entregamos à reportagem e deixamos que ela nos transforme. Se um dia eu voltar a mesma de uma viagem para o Amapá ou para a periferia de São Paulo, abandono a profissão (BRUM, 2008, p. 39).

Na biografia relatada de seu site⁹, ainda é possível observar sua trajetória por meio de seus prêmios:

Como jornalista, Eliane Brum ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”. Foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o Prêmio Comunique-se. Por cinco vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa. Recebeu

⁷ Informação retirada do site: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 04 de nov. de 2020.

⁸ Informação retirada do site: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 04 de nov. de 2020.

⁹ Site: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 04 de nov. de 2020.

três vezes o Prêmio Cooperifa, “por ajudar, com suas ações, a construir uma periferia melhor para viver”, e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae, concedido a pessoas e entidades que, com seu trabalho, têm conseguido “mudar a realidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas e do planeta”¹⁰ (BRUM, 2008).

Não obstante, a cada pergunta sobre seu tipo de reportagem (e jornalismo exercido), ela fica mais aflita: “eu escrevo sobre gente, mas quem não escreve sobre gente? [...] Seria possível alguém fazer ‘matérias inumanas’?” (BRUM, 2013, p.13-14). Mas, então, sobre o que Eliane Brum escreve? A resposta para essa difícil questão, ela mesma tenta definir:

Escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres, que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma escritora de desacontecimentos (BRUM, 2013, p. 14-15).

Não por acaso ela é sempre citada por Ijuim como exemplo do jornalismo humanizado. Para ele, a autora “tem se destacado por seu olhar especial ao humano” (IJUIM, 2012). Isso porque, pela visão do jornalista, Brum transparece em sua escrita todas suas marcas e visões de mundo, sua “abertura de mente e de espírito para compreender a complexidade da vida” (IJUIM, 2012).

Referindo-se ao texto “Uma família no governo Lula”¹¹, publicada na revista Época em dezembro de 2010, o jornalista enfatiza o dom de Brum de não fazer julgamentos e respeitar a diversidade (IJUIM, 2012).

Dessa forma, apesar de Ijuim não se referir à uma definição do jornalismo humanizado, nessa citação é possível identificar quais características tornam Eliane Brum uma jornalista humanizada e humanizadora:

Humanizar começa na “leitura da pauta”, por um olhar que vai além da fórmula. O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista (IJUIM, 2015, p. 133).

Ainda sobre Brum, Ijuim destaca o modo avesso de como ela trata suas pautas. Sempre:

¹⁰ Informação retirada do site: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 04 de nov. 2020.

¹¹ Texto na íntegra disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI199330-15223,00-UMA+FAMILIA+NO+GOVERNO+LULA.html> >. Acesso em: 06 de nov. 2020.

Pelo lado dos que normalmente não têm direito à voz. É impressionante como ela respeita o tema, os entrevistados, sem prejulgamentos. Isso dá um toque especial, de esclarecimento e adquire o que chamo de caráter emancipatório (IJUIM, 2016).

Por isso, sua forma humanizada de exercer o jornalismo é um mecanismo de transformação da sociedade.

2.4 ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

A coletânea de Eliane Brum escolhida para análise apresenta duas formas de assujeitamento da repórter gaúcha. Entende-se o assujeitamento, a partir da teoria de Análise do Discurso, como:

Movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito do seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha ilusão de autonomia (FERREIRA, 2015, p. 12).

Dessa forma, apesar da autonomia de produção comentada pela jornalista em “A delícia (e a dor) de ser repórter”, de decidir e criar suas próprias pautas na produção da reportagem “A guerra do começo do mundo”, Eliane está submetida a seu próprio assujeitamento como porta-voz de histórias marginalizadas pela grande mídia.

Augusto Nunes, então diretor da Época, me chamou à sala dele. E, com aquele sotaque carioca que ele tem, mesmo sendo um orgulhoso cidadão de Taquaritinga, anunciou: “Vou te mandar pra Roraima. Você vai ficar um mês lá. Sem pauta. Vai lá e volta com uma história” (BRUM, 2017, p. 49).

Eliane, uma repórter com mais de 40 prêmios por reportagens em teor humanizado, foi enviada a Roraima – estado que, na época, passava por guerras internas que até então não eram contadas na mídia, além de pobreza, problemas e invisibilidade. Augusto Nunes sabia a quantia de pautas que surgiriam ao olhar de Eliane sobre aquela perspectiva.

É por esse entendimento que a escritora encontra narrativas com aquilo que a própria AD estuda: ideologia e história. Suas próprias reportagens induzem à Análise do Discurso, visto que muitos de seus personagens representam um sujeito que “não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, [...] a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível à partir do lugar que ocupa” (MUSSALIM, 2003, p. 119). Como pode ser visto no seu personagem de “O homem-estatística”:

Hustene é orgulhoso de sua caligrafia, do ginásio bem tirado até quase o fim. Mas, à medida que os dias vão escorrendo, sua letra vai piorando, esparramada pelas páginas em vogais e consoantes gordas de dor e quase tão indecifráveis como a realidade que o abalroou. Incorpora Cartola à propriedade de seu desalento: “O mundo é um moinho, vai triturando a gente e fazendo da gente uma farinha. Moendo, moendo. E de nós uma escória granulada”. Hustene desenha então seu autorretrato em traços de melancólica ironia. Vira clown. (BRUM, 2017, p. 98).

Fernanda Mussalim (2003) afirma que “a Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social” e é exatamente isso que Eliane vai buscar quando embarca para Roraima: conhecimento para conseguir transmitir os sentidos contidos naquela realidade. Mesmo apaixonada por um estado que fica a 5000 quilômetros de sua cidade natal, Eliane identifica o quão esquecido aquele pedaço de terra é. Sobre isso é feita sua denúncia: a terra sem lei que vive uma guerra silenciosa para aqueles que se consideram brasileiros, mas barulhenta para a cultura verdadeira do país. Como ela mesma anuncia: “É o Brasil de 500 anos atrás acontecendo agora” (BRUM, 2017, p. 34).

Ao comparar o Brasil da descoberta, de meio século atrás, com o Brasil que eles vivenciaram durante a produção da matéria, a autora demonstra o que também é verdade para a Análise do Discurso: “os sentidos são historicamente construídos” (MUSSALIM, 2003, p. 123):

Muita gente inteligente, inclusive jornalistas, derrapa na complexidade da Amazônia — não apenas a floresta, mas a região geopolítica. E derrapa não em uma, mas nas muitas que existem. É impossível compreender as Amazônias por telefone ou pela internet. É preciso ver bem de perto e ter o cuidado de não achar que entendeu rápido demais. Costumo entrar lá na ponta dos pés e pedindo licença (BRUM, 2017, p. 51).

Em sua produção jornalística, a autora se apropria do jornalismo literário, isso porque é nesse modelo de discurso que a repórter encontra apoio ao seu poder de observação e assim, como Vitor Necchi (2007) destaca, é essa vertente que permite ao jornalista escrever sobre aquilo que foi visto e o que não foi visto, mas sentido.

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo um participante da ação. Além do visto, o não-visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade (NECCHI, 2007, p. 103).

É a partir da captação dos sentidos não ditos que suas reportagens se entrelaçam ao mundo da AD, pois são exatamente esses sentidos buscados a partir do estudo. Em referência à AD de linha francesa, Benetti (2007) afirma seu produtivo uso para identificação de sentidos e mapeamento das vozes contidas no discurso. Com isso, compreende-se que está inato ao ato de

informar também apresentar e caracterizar os sentidos ideológicos e culturais. Como Eliane desenvolve:

O Brasil urbano e metropolitano, consumidor de marcas e valores, não chafurda no manguê de Josué de Castro nem peregrina pela terra calcinada de João Cabral de Melo Neto. Tropeça em ruas de asfalto que a literatura e o cinema recém começam a pressentir, fascinados ainda pelo que há de clássico — e brutalmente imutável — no brasileiro miserável, nutrido de vermes e descalço de sapatos e letras do nordeste sertanejo, das barrancas ribeirinhas da Amazônia e dos berços geográficos da fome, como o Vale do Jequitinhonha (BRUM, 2017, p. 95).

E implementa ao criticar:

Os brasileiros, mais preocupados com o noticiário do centro econômico e político nacional (leia-se o estreito circuito entre São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) ou com os ataques sangrentos de Bush e Bin Laden, têm perdido o mais fascinante capítulo da história do país. No século 21, Roraima é palco de uma guerra entre brancos e índios. E de várias pequenas batalhas entre índios e índios (BRUM, 2017, p. 32).

Além disso, Benetti ainda ressalta que o jornalismo é “um lugar de circulação e produção de sentidos” (BENETTI, 2007, p. 107) e, ao mesmo tempo que é produtor, também é efeito de sentido. Ainda, se “a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2012, p.25), há em cada relato contado pela autora como “dias comuns em Roraima”, explícitos em “A guerra do começo do mundo”, o interdiscurso da realidade nada comum acometida por aquele contexto social ao qual os personagens estão presos.

Num dia comum no oeste de Roraima, um Yanomami da aldeia Xaruna chamado Chicão espanca a mais bela de suas duas mulheres na mata. [...] Numa tarde comum no leste de Roraima, Maurício Habert Filho, de 54 anos, supervisiona a labuta dos guianenses contratados para a safra de melancias, suor barato e abundante na região. [...] Numa noite comum no norte de Roraima, o sentinela do 6º Pelotão de Fronteira, quartel em construção no município de Uiramutã, sobressalta-se. Adivinha um vulto na escuridão, despacha um foguete sinalizador para o alto. Abaixo, a comunidade, em vigília permanente de olhos e intrigas, interpreta: “Os índios invadiram o quartel”. [...] É um dia comum em Boa Vista, capital de Roraima. A bordo do ultraleve, Walter Vogel, de 56 anos, apalpa o horizonte com os olhos azuis do berço suíço de Berna. O pai plantava em sete hectares no país seis vezes menor que Roraima” (BRUM, 2017, p. 34-36).

Nesse contexto, Eliane interliga histórias de sujeitos que exemplificam parte daquele contexto: a guerra entre índios e civis, os contrastes culturais, as contradições econômicas, o estado sem leis e a gritantes diferenças entre as realidades contidas em um só espaço. ELA termina afirmando que dias comuns não existem diante dessas tramas:

Mais um dia comum em Roraima. No oeste, os Yanomami açulam as fogueiras eternas, nus como eram os homens no princípio dos tempos. Os dentes afiados trituram manduruvás assados na brasa. No leste, Maurício Habert mal se contém. Espera mais uma carta com selo da França provando que o pai nunca foi parceiro de Papillon na Ilha do Diabo, menos ainda homossexual. O fundador de Normandia pode até ter sido ladrão, “mas macho”. No sul, de braço dado com Cleonice, Francisco desfila por Rorainópolis. Veste uma camiseta estampada com a imagem da prefeita, expediente aconselhado por outros migrantes para aligeirar a doação de uma casa. Na rádio de poste da cidade, conhecida por A Voz, o locutor Zé Passos avisa em tom solene: “Homem está precisado de uma mulher de 40 anos, filho só pequeno, para compromisso”. No norte, os Macuxi sequestram um par de botinas e uma boina dos militares para mostrar quem manda naquela quina de Brasil. Diante do ataque “estrangeiro”, o valente general ameaça pela imprensa tomar os troféus de guerra “na marra”. Não há dias comuns em Roraima (BRUM, 2017, p. 48).

Dessa forma, “regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo” (ORLANDI, 2007, p. 37), Eliane continua produzindo um jornalismo que, além de literário, também denuncia realidades, conta histórias extraordinárias, constrói sentido naquilo que era invisível e realiza seu papel social como jornalista: intervindo por e pelas sociedade encontradas.

3. O OLHO DA RUA: EXEMPLO DE JORNALISMO HUMANIZADO

Em seu livro, “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real”, Brum conta todos os bastidores de dez reportagens realizadas pela jornalista no período em que trabalhou para a revista *Época*, de 2003 a 2007. Além de que “para cada reportagem há uma reflexão sincera, vísceras à mostra, sobre o que eu fiz e o que vivi – como repórter, como gente” (BRUM, 2008, p. 14).

No livro, todo o processo do fazer jornalístico é relatado, desde o medo, os dilemas e até mesmo momentos considerados como erro pela própria repórter. Publicado pela primeira vez em 2008 (Editora Globo), o livro foi relançado em 2017, pela Arquipélago Editorial. A razão se deu por Eliane Brum passar por “desacontecimentos” – como a autora chama – que fizeram-na realizar uma investigação sobre o ofício de ser repórter. Após isso, foi adicionado ao livro um posfácio nomeado “Os limites da palavra”, que é um discurso autorreflexivo sobre a arte de ser repórter. Como a autora explica:

A carne de minha reportagem são os “desacontecimentos”, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum (...) Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal (BRUM, 2013, p. 13-14).

Caco Barcellos, ao escrever o prefácio do livro e citar inúmeros trechos da autora que deveriam estar no próprio Manual do Jornalista – se é que existe algum –, aponta seus métodos de pesquisa como “o avesso da dinâmica tecno-burocrática predominante” (BARCELLOS; BRUM, 2017, p. 7). Eliane, diferentemente de muitos de seus colegas de profissão, não se preocupa em entregar a reportagem e receber elogios ou prêmios. A autora entende que a vida é muito mais do que o sucesso, é o conjunto.

3.1 A GUERRA QUE NÃO GERA IBOPE - NEM AUDIÊNCIA

Na segunda reportagem do livro “O Olho da Rua”, nomeada de “A guerra do começo do mundo”, Eliane Brum apresenta diferentes histórias, personagens e enredos de vidas que não chegam a dar Ibope, passando despercebidas pelos grandes noticiários. Assim, em meio a histórias de vida consideradas normais pela maioria, a repórter encontra histórias emaranhadas para representar parte da vida de quem vive em Roraima. Além de ainda apresentar, em tom sarcástico, o estado para o resto do Brasil, pois há quem julga não conhecê-lo.

Já no segundo parágrafo, em comentário referto de ironia, não só da autora, mas também da própria realidade, Brum apresenta os impasses do pequeno país chamado Roraima, que tanto se difere do restante do Brasil:

Encravado no extremo norte do mapa, Roraima é assim, trezentos e vinte e quatro mil, cento e cinquenta e dois pares de olhos em ação de vigília permanente. Os demais cento e setenta e dois milhões, seiscientos e setenta e cinco mil, oitocentos e quarenta e oito brasileiros desconhecem, afinal ainda hoje confundem Roraima com Rondônia, Boa Vista com Porto Velho, mal suspeitam do que se passa nas sobranceiras do país continental. Sabem mais hoje sobre o Afeganistão que sobre o ex-território, transformado em estado pela Constituição de 1988. Ligados na CNN, os brasileiros não adivinham. Mas Roraima está em guerra (BRUM, 2017, p. 30).

Nas últimas linhas, destila uma crítica ao próprio jornalismo (alienadores) e seu público (alienados), isso porque uma parte do país está em guerra e a outra não sabe ou finge não saber. Os números escritos por extenso representam, ou melhor, gritam a desigualdade contida no contexto. Em tom cínico, ela prossegue, utilizando estatísticas para apresentar o tema da reportagem:

Enclave de brancos cercados de índios por todos os lados, coleciona alguns dos títulos mais curiosos do Brasil sem que o Brasil perceba. É o estado mais aborígine, com 57% do território ocupado por 30 mil índios. É o mais despovoado: cada um dos 324 mil habitantes, 200 mil deles na capital, tem, em tese, 1,5 quilômetro quadrado à disposição. Representa 0,2% na população do país, motivo pelo qual nem sequer é visitado pelos candidatos a inquilinos do Planalto: os 184 mil eleitores são pouco

menos que a zona eleitoral do bairro de Jabaquara, em São Paulo. No terceiro milênio ainda está em fase de colonização, eldorado de mil novos migrantes por mês, metade deles recém-chegada do Maranhão de Roseana Sarney (BRUM, 2017, p. 31).

Eliane faz uso do termo *enclave*¹² para exemplificar que aquele pequeno território brasileiro pertence aos índios – verdadeiros donos das terras –, no entanto, na reportagem, vivem em guerra contra os brancos privilegiados. O termo político geográfico utilizado aponta mais uma denúncia feita pela repórter: não há política vigente nesse pedaço de país, visto que o público eleitoral é insignificante para ser pauta de seus governantes. A escritora tenta sintetizar com frases de efeito o sentimento guardado naquela parte do peito (pulmões) do mundo:

Quando um roraimense viaja, anuncia aos amigos: “Vou para o Brasil”. A primeira pergunta aos “estrangeiros” é: “Vieram do Brasil?”. Por Brasil, entende-se tudo o que existe do Amazonas para baixo. [...] O senso comum nem sequer reconhece um paradigma geográfico: o Monte Caburaí é o ponto mais setentrional do país, mas ao sul de Roraima vive se repetindo a clássica “do Oiapoque ao Chui”. [...] Assim, isolado, maltratado até, e um tanto órfão, Roraima vive a guerra do começo do mundo. E ninguém se importa. O Brasil não dá importância a Roraima, mas Roraima importa-se muito (BRUM, 2017, p. 31-32).

Fernanda Mussalim (2003) afirma que “a Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social” e é exatamente isso que Eliane vai buscar quando embarca para Roraima: conhecimento para conseguir transmitir os sentidos contidos naquela realidade.

Mesmo apaixonada pelo estado que fica do outro lado de sua cidade natal, Eliane identifica o quão esquecido aquele pedaço de terra é. E é sobre isso sua denúncia: a terra sem lei que vive uma guerra silenciosa para aqueles que se consideram brasileiros, mas barulhenta para a cultura verdadeira do país. E mesmo assim, ninguém se interessa. Como ela mesma anuncia “É o Brasil de 500 anos atrás acontecendo agora (BRUM, 2017, p. 34).

Ao comparar o Brasil da descoberta, de meio século atrás, com o Brasil que eles vivenciaram durante a produção da matéria, a autora demonstra o que também é verdade para a Análise do Discurso: “os sentidos são historicamente construídos” (MUSSALIM, 2003, p. 123).

Muita gente inteligente, inclusive jornalistas, derrapa na complexidade da Amazônia — não apenas a floresta, mas a região geopolítica. E derrapa não em uma, mas nas

¹² Em geografia política, um *enclave* é um território com distinções políticas, sociais e/ou culturais cujas fronteiras geográficas ficam inteiramente dentro dos limites de um outro território. Significado disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Enclave>>. Acesso em 05 nov. 2020.

muitas que existem. É impossível compreender as Amazônias por telefone ou pela internet. É preciso ver bem de perto e ter o cuidado de não achar que entendeu rápido demais. Costumo entrar lá na ponta dos pés e pedindo licença (BRUM, 2017, p. 51).

Em “A delícia (e a dor) de ser repórter”, Eliane Brum dá mais uma aula de como se fazer reportagem, ao diminuir-se frente à sua pauta para não “reduzir uma realidade bem mais larga”. Ainda, expõe a importância e a emoção de se permitir vivenciar as suas reportagens e as mudanças que essas atitudes seriam capazes de realizar ao todo.

A natureza nos remete a todos os filmes sobre o começo do mundo, mas a realidade é muito mais acachapante do que qualquer diretor de efeitos especiais consegue alcançar com toda a tecnologia disponível. [...] Acho que alguns dos que gostariam de revogar a lei que demarcou o território Yanomami, aqueles que investem contra os direitos indígenas assegurados pela Constituição de 1988, mudariam de ideia se tivessem a chance de passar um único dia ali (BRUM, 2017, p. 54-55)

Já ao final de suas observações sobre a profissão, Eliane Brum demonstra sua humildade em aceitar seus erros e, por meio disso, aponta também seus acertos e conhecimentos adquiridos para os futuros jornalistas e é através desses momentos que ela vai além da escrita e se transforma em professora. Dessa forma, o livro passa a ser uma aula de jornalismo. O primeiro ensinamento exposto neste trabalho é sobre como aprender com seus erros:

Escrever sobre qualquer povo indígena sem cometer assassinatos sem sangue, mas ainda assim assassinatos, motivados por um etnocentrismo que nem sempre é reconhecido como tal por seu autor, é um desafio enorme para um jornalista. Por isso é preciso tomar cuidados redobrados. Em alguma medida, fracassei com os Yanomami. Busquei apresentar o cotidiano indomável de Roraima, irredutível ao ordinário, mas precisava ter dado mais ao leitor, para que ele pudesse fazer o movimento junto comigo de alcançar um modo tão outro de existir (BRUM, 2017, p. 56).

A autora vai além da pauta para buscar vidas reais e, apenas após apresentar diferentes histórias e o pós reportagem, é que ela informa, em nota, aquilo que viraria notícia nos jornais comuns:

O STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu, em 2009, manter a demarcação da TI (Terra Indígena) Raposa-Serra do Sol com 1,7 milhão de hectares de área contínua. A ofensiva contra os direitos indígenas, garantidos pela Constituição de 1988, em Roraima e em todo o Brasil, porém, não acabou. Ao contrário, intensificou-se a partir da segunda década do século 21, com o crescimento da chamada Bancada Ruralista, constituída de parlamentares ligados ao agronegócio. Unida aos parlamentares com origem nas polícias e demais forças de segurança pública, e também a parlamentares de representação evangélica, a Bancada BBB (Boi, Bala e Bíblia) é responsável pelo parlamento mais retrógrado desde a redemocratização do país. (Nota escrita em fevereiro de 2016, durante a revisão para a segunda edição deste livro.) (BRUM, 2017, p. 57-58).

Aqui está a grande diferença dela para os tantos outros profissionais: Eliane não cumpre uma pauta, ela vive a notícia. Eliane não escreve uma matéria, ela conta uma história. É essa personalidade que difere o jornalismo humanizado do jornalismo comum.

3.2 ANTES E DEPOIS DA VISITA DE UM JORNALISTA

Eliane Brum não se contenta com pouco. Ela descobre aquelas histórias contidas por detrás dos números, realidades que só aparecem nos jornais como estatísticas. A quarta grande reportagem contida no livro é denominada de “Homem-estatística”. Hustene Alves Pereira da Silva, personagem que deu origem ao título, é um marido, pai de quatro filhos, orgulhoso e trabalhador, mas que para nação é só mais um desempregado esquecido pela própria estatística.

Em busca de emprego, ele descobriu um país. Diante de cada porta fechada, percebeu que o Brasil havia desistido dele e de sua família e haviam esquecido de avisá-lo. Não é uma vaga de emprego que lhe negam, é um lugar no projeto de nação. “O que mais me dói é que não consigo emprego por exigência de estudo. Aí não vou poder continuar dando estudo para os filhos. Vão ficar pai, filhos e netos trabalhando sem educação, no serviço que aparecer. Ficaremos todos sem escolha”, desespera-se (BRUM, 2017, p. 101-102).

Ainda de acordo com Mussalim, “para a Análise do Discurso não existe o sujeito individual, mas apenas o sujeito ideológico: a ideologia se manifesta (é falada) através dele” (MUSSALIM, 2003, p.134). É por isso que existe tanto “peso” na fala do personagem Hustene, pois, mesmo sem saber, ele carrega ali a realidade de um país. Hustene não é só uma estática, ele é a marca de um contexto histórico.

Sua ideologia é apresentada quando a autora conta que sua honestidade “é mais complexa que a mera obediência à lei, tão fácil para quem está contemplado no projeto do país — e uma guerrilha cotidiana de resistência no caso de excluídos como ele” (BRUM, 2017, p. 100).

Dessa forma, como seu lado humano não lhe falha, a jornalista não apenas contou a história de Hustene, mas também passou a ser parte dela. Por isso, em “E a história continua (com a repórter nela)”, Brum reflete sobre os impasses da reportagem e, também, atualiza os leitores, visto que se tornou parte daquela família. De antemão, ela já avisa que “essa reportagem é a fotografia de um momento, um retrato 3x4 feito de palavras” (BRUM, 2017, p. 104). Ainda, ao lembrar da ideia inicial da reportagem, Eliane relata:

A palavra “excluído” era uma marca daquele período histórico e estava presente em todos os discursos. Para ser excluído era preciso, antes, ter estado dentro. Era essa a história que eu queria contar, esse novo retrato era a minha reportagem. Meu personagem não era retirante porque já não tinha país para onde migrar. Era um encurralado (BRUM, 2017, p. 105).

Demonstrando sua arte de fazer jornalismo, a repórter ainda conta sobre como encontrou – e encontra – mais uma de suas pautas humanizadoras. Mesmo sem técnica, Brum não escreve uma linha sem ensinar algo e aqui está o segundo aprendizado, a confiança:

Eu era a repórter em busca de um personagem. Ele era o personagem em busca de alguém que contasse sua história. Toda reportagem é um encontro. É algo especial — e a gente sabe quando acontece. Por isso não acredito em história arrancada. Quando me perguntam qual é a minha “técnica” de entrevista, nunca sei o que dizer. [...] Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. E se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança (BRUM, 2017, p. 105).

Ainda, como se precisasse explicar a importância daquela omitida parte da história para a própria história, munida do saber de que os passos traçados por Hustane nunca virariam manchete, de entender que a vida dele passaria despercebida pelos holofotes dos jornais, se não fosse por pelo adjetivo desempregado – a mesma razão que o impossibilitava de ter outro algo para contar –, Eliane confessa:

Ele era o homem-estatística, a carne que dá sentido aos números. Embora não compreendesse os meandros da conjuntura econômica que o empurrava para baixo, Pankinha intuía a sua situação, o seu não lugar. Encurralado, pronunciou a frase que escolhi para encerrar a reportagem. Ele era o brasileiro que não tinha país para onde ir — e por isso só vislumbrava a possibilidade de ser levado a outro planeta (BRUM, 2017, p. 106).

Não sendo suficiente, Eliane encerra os comentários da reportagem atualizando o leitor sobre a vida real do protagonista, fiel à veracidade e sem perder o astuto dom de transformar qualquer informação em memória, ela termina o texto com uma paródia da célebre frase dita pelo homem, ao alcançar a lua:

Hustene Alves Pereira mantém a essência do grande homem que é num país que se apequenou diante de seus sonhos. Em 14 de abril de 2008, andou pela primeira vez sem bengala. Era um pequeno passo para a humanidade, um grande salto para ele (BRUM, 2017, p. 107).

3.3 O SER HUMANO POR TRÁS DE TODA HISTÓRIA (POSFÁCIO)

Como já mencionado, em 2017, o livro “O Olho da Rua” foi relançado com o acréscimo do posfácio. Eliane explica a importância do feito:

Esta reedição revisada de O olho da rua, quase dez anos depois do lançamento, marca um período pessoal de grandes confrontos com a reportagem — e em especial com a palavra escrita. Em parte, eu era uma jornalista quando este livro foi lançado e hoje sou aquela e também outra. A repórter de agora contém uma travessia na qual perdi alguns pedaços para resgatar a integridade do que é, para mim, ser repórter (BRUM, 2017, p. 282).

Eliane precisou de nove anos para repensar a importância do seu trabalho na vida de todos os envolvidos. Se antes disso ela já dava aulas de reportagem, no posfácio é possível retirar um verdadeiro manual da profissão.

Eliane Brum faz o jornalista se questionar: de que adianta descobrir uma história, escrevê-la e reescrevê-la inúmeras vezes até alcançar aquilo que chamamos de perfeição, se na vida real ela continua a mesma? O que adianta mudar de roteiro, conhecer diversos mundos se não puder deixá-lo melhor do que quando foi encontrado? Nada.

A escritora descobriu isso da forma mais dolorosa possível, com seu primeiro desacontecimento relatado no posfácio: a história de Sonia, a meninas com olhos de velho:

Quando fui até sua casa pela última vez, para me despedir e voltar ao Brasil, Sonia me agarrou pelos dois braços e disse:
— Não me deixe morrer.
Senti que meus olhos batiam pelas paredes esburacadas de sua casa, porque eu temia encarar os olhos dela. Eu disse à Sonia o que digo sempre, e digo porque acredito, que eu contaria sua história para o mundo. Mas eu e Sonia sabíamos que contar sua história para o mundo não seria suficiente para salvar a vida dela [...] porque o mundo pouco se importa com a vida e com a morte de meninas e meninos com olhos de velho (BRUM, 2017, p. 285).

A ênfase na frase da menina Sonia é exacerbada, ainda mais pelo uso do discurso direto após o travessão. O sentimento transmitido é de como se a frase ainda ecoa nos ouvidos da jornalista. Seguem-se os questionamentos: de que adianta dar vida a uma história se matarmos seus personagens? Ao ser confrontada por seu próprio sentimento de impotência, Brum, em uma simples frase, transmitiu sua terceira lição: “Tive de aceitar que, como repórter, contadora de histórias reais, posso muito pouco. Mas poder pouco é bem mais do que não poder nada” (BRUM, 2017, p. 287).

É essa fidelidade com a história que torna a autora tão humana e, também, humanizadora. Brum (2017) conclui seu raciocínio dizendo que “contar é resistir. É fazer marca, dando um contorno ao corpo. E fazer marca me leva ao segundo desacontecimento que abalou meu mundo interno.”

Essa segunda história, no livro, levou o nome de “Palavra-cicatrizes” e é com ela que a repórter leciona mais uma vez. Para ela, antes de falar, é necessário aprender a escutar e nesse conceito se inclui uma característica essencial aos jornalistas: o poder da observação.

Quem começou a desatar esse nó dentro de mim foi Otávio das Chagas. Eu conheci ele e sua família no final de 2014, na periferia de Altamira. Ele havia sido expulso da ilha a qual pertencia pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte. É importante sublinhar que ribeirinhos não possuem, mas pertencem. Isso fica claro para quem os escuta. Usei o espaço da minha coluna no jornal El País para contar sua história em dois momentos diferentes: “O pescador sem rio e sem letras” e “Casa é onde não tem fome” (BRUM, 2017, p. 290).

A história de Otávio de Chagas, refugiado em seu próprio país após a construção de Belo Monte, só se fez possível porque a autora entendeu que o ribeirinho era um livro e que, apenas dessa forma, ela, como repórter, poderia interpretá-lo.

Percebi aos poucos que aquelas cicatrizes, aquilo que fazia marca literal de uma vida, eram também palavras escritas. Otávio das Chagas era também livro, e era como livro que eu podia lê-lo. Entre os dedos dele que apontavam a escrita do corpo, as palavras encarnadas que dele diziam, e os meus dedos, que as traduziam em alfabeto diverso, havia um possível. Se eu a ele emprestasse o meu corpo, haveria encontro e não violência. Passei então a compreender minha escrita como uma linha que costura feridas. Não para apagá-las, o que eu tanto temia. Mas para eternizá-las em letras-cicatrizes neste outro corpo que nos une, o da experiência coletiva — ou a trama que atravessa a própria linguagem para fazer o diálogo dos mundos. E também a resistência (BRUM, 2017, p. 291).

Isso fez com que Brum ensinasse a quinta característica essencial da profissão: a alteridade.

Reportagem não se faz apenas sujando os sapatos, como tantos já disseram. Reportagem exige um primeiro movimento radical: atravessar a larga rua de si mesmo. Esse talvez seja o ato mais profundo e também o mais difícil. Não exige apenas suor, exige alteridade. [...] A reportagem é um despir-se de si para vestir um outro. E então empreender o largo caminho de volta e fazer o parto das palavras, que é a história contada atravessada pelo corpo de quem voltou para dar notícias de lá. De um lá que no movimento da reportagem virou lá e aqui (BRUM, 2017, 288).

No capítulo “A primeira pessoa sou eu?”, após uma reportagem sobre o retiro de meditação vipássana, a autora disserta sobre sua sexta lição apresentada aqui, e que deveria ser inata em todo jornalista: a capacidade se desvencilhar de sua própria história para enxergar a

realidade do outro lado, longe de sua visão de mundo, mas perto da realidade do próximo. Afinal, como a própria autora diz “só assim pode chegar mais perto da verdade — ou das verdades — da história que se propôs a contar” (BRUM, 2017, p. 233).

Após seis grande ensinamentos extraídos do livro “O Olho da Rua” e antes da conclusão deste trabalho, no mesmo sentido das frases que Caco Barcellos elencou no prefácio como mais marcantes¹³, fez-se aqui uma continuação utilizando-se também de algumas frases impactantes contidas no posfácio, que, de forma exemplar, seriam capazes de traduzir a essência do estudo deste artigo.

Aqui está o primeiro trecho: “Quando um repórter encontra uma dessas crianças, sabe que ali aconteceu um crime. Porque crianças não podem ter olhos mais velhos que os nossos. E essas crianças têm” (BRUM, 2017, p. 285). Nesta frase, Eliane Brum demonstra seu poder de sentir o outro, às vezes apenas pelo olhar. A sua empatia como repórter revelou um crime contido no olhar de uma criança, o que a fez constatar que todo repórter deveria ser capaz de sentir isso ao se deparar com tais casos.

No segundo fragmento selecionado, a jornalista relata o primeiro impasse com a impotência do jornalista: o medo de que só contar a história não será suficiente. Até porque há histórias que não apenas precisam de voz, mas também de agentes. “Contar sua história para o mundo não seria suficiente porque o mundo pouco se importa com a vida e com a morte de meninas e meninos com olhos de velho” (BRUM, 2017, p. 285).

Por fim, o último trecho resume o porquê de Brum ser o objeto de pesquisa deste artigo, visto que, até mesmo nas histórias mais tristes, ela consegue fugir do comum, não enfatizar a tragédia e focar no principal: as vidas humanas afetadas com sua história: “Tive de aceitar que, como repórter, contadora de histórias reais, posso muito pouco. Mas poder pouco é bem mais do que não poder nada” (BRUM, 2017, p. 287). A frase está repetida, mas porque se considera que esse ensinamento vale por dois.

¹³ Comentário de Caco Barcellos na íntegra: “Não contive o ímpeto, confesso, Eliane, e li em voz alta na redação e no carro da reportagem algumas frases dos capítulos que mais me emocionaram. Do capítulo sobre as parteiras da Floresta Amazônica: “Elas são chamadas nas horas mortas da noite para povoar o mundo.” Do capítulo sobre o garimpo: “O garimpeiro é o brasileiro pobre que se recusou a desistir.” Do capítulo sobre os asilos para velhos: “Inventaram a expressão casa de repouso para abrigar velhos supostamente cansados da vida quando é o mundo que se cansou deles.”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, faz-se necessário aos jornalistas saírem da chamada “caixa” e do discurso pré-estabelecido, e repensem seu papel como comunicadores e formadores de cidadãos, para que, conscientes de sua responsabilidade social como profissionais, eles não se restrinjam meramente ao clássico “o quê, quando, onde, quem, como e por quê” e busquem novas formas de produzir, expressando novos e diferentes olhares sobre a notícia. Não apenas informando, mas contextualizando, promovendo soluções e gerando ações.

Então, seja seguindo os conceitos de Guareschi, o modelo do novo jornalismo de Leandro e Medina, do jornalismo humanizado de Ijuim, ou até, tal qual o jornalismo gonzo, exemplo um tanto distante mas necessário, o jornalista precisa se desfazer da sua pretensão de objetividade e se mesclar às ações. Não necessariamente vivenciá-las como o gonzo sugere, mas, ao menos, ter empatia por quem as vivenciou. Afinal, antes de serem jornalistas, todos são primeiramente humanos.

Apesar de fora de contexto, Brum, para representar a ânsia do personagem Antônio ao contar histórias em seu leito de morte, utilizou uma frase que agora é transferida para representar a vida do jornalista: enquanto emendar uma história na outra, ele estará vivo. Desse modo, como jornalista, Eliane Brum não apenas observar ou vê, ela se dispõe a enxergar. Com isso, ela escreve para fazer com que o seu público não apenas leia, mas reflita. Eliane é o próprio olho do furacão, ou melhor, “O Olho da Rua”.

Ao analisar o posfácio de “O Olho da Rua”, Brum instiga o leitor ao citar seu livro “Meus Desacontecimentos”, uma continuação de histórias que marcam a vida da jornalista antes e depois, da mesma forma que Brum marca a vida de seus personagens. O livro conta sua história com as palavras e apresenta inúmeros outros ensinamentos que podem render tantos outros artigos como este.

Por isso, seja em Roraima e sua (antes) insignificância, seja aos olhos de velha da menina Sonia, seja Hustene e sua vida estatística ou sejam as cicatrizes de Otávio de Chagas, toda história é válida. Toda pauta pode render mais do que uma reportagem comum. Toda história é singular, é única e precisa apenas ser contada para tornar-se plural. Por fim, para jornalistas, o principal: toda história é pauta – só depende do seu poder de humanizá-la.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107-122.

BRUM, Eliane. **A Menina Quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Arquipélago Editorial, 2017.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro et al. Glossário de termos do discurso. **Porto Alegre: UFRGS**, p. 39-46, 2001.

GOMES, Pedro Gilberto: **“Processos Midiáticos como Objeto de Pesquisa”**. In: Tópicos de Teoria da Comunicação. 2ª Edição, São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

GUARESCHI, P. A. (Coord.). **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 1991.

HERNANDES, Nilton. Verdade, objetividade, realidade... revendo conceitos. In: _____. **A mídia e seu truques – o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

IJUIIM, Jorge Kanehide. **Humanização e Desumanização no jornalismo**: algumas saídas. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-2440-1.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2019.

KLIMM, Christoph. **The Routledge Handbook of Media Use and Well-being**. Nova York: Routledge, 2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2002. _____. Quem manipula quem? 2 a. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-52.

NECCHI, V. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”: VII XXX Congresso Estudos em Jornalismo e Mídia – Santos, SP – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10ª edição, Campinas: Pontes Editores, 2012.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STAFFORD, Tom. And now for the good news: why the media are taking a positive outlook. **The Guardian**, 2016. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2016/aug/01/and-now-for-good-news-why-media-taking-positive-outlook>>. Acesso em: 28 mar. 2019

WHO are: our mission. **Solutions Journalism**: Solutions Journalism Network, c2020. Página de “quem somos”. Disponível em: <<https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are/mission>>. Acesso em: 03 out. 2020.